

A fuga e a saída na constituição da caboverdianidade: a (des)construção do evasionismo em *Chiquinho*, de Baltasar Lopes

Alexandre Ferreira Martins*

Resumo: Este artigo pretende compreender o conceito de evasionismo proposto por Onésimo Silveira (1968), desconstruí-lo e ressignificá-lo a partir da expressão da caboverdianidade presente no enredo do romance *Chiquinho* (1947), de Baltasar Lopes. As três partes que compõem o romance, cujos enredos são análogos à situação do arquipélago, organizam-se a fim de explicitar de que forma a noção de migração e a dualidade fuga e saída se constituem no universo diegético do romance. A partir da concepção bakhtiniana de texto e discurso, procurou-se entender a presença da dualidade referida e, com base nisso, elucidar os aspectos ideológicos que permeiam a narrativa, de maneira a justificar a ressignificação do conceito de evasionismo proposto por Onésimo Silveira como parte da caboverdianidade.

Palavras-chave: Evasionismo. Caboverdianidade. Analepse. Ideológico.

Abstract: This paper analyses the concept of *evasionismo* proposed by Onésimo Silveira, re-analyzing and offering a new meaning to it based on the *caboverdianidade* of the novel *Chiquinho* (1947), written by Baltasar Lopes. The three parts of the novel, whose plots are analogous of the archipelago situation, organize the text in a manner to explain the notion of migration

* Graduando do oitavo semestre do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e ex-aluno do curso de Estudos Portugueses e Lusófonos da Universidade de Coimbra (período sanduíche), ao abrigo do Programa de Licenciaturas Internacionais, da CAPES.

and the duality of escape and exit in the diegetic universe of the novel . Based on Bakhtin's conception of the text and discourse, this paper proposes to understand the presence of duality and, based on this, to elucidate the ideological aspects that permeate the narrative; to justify and to reframe the concept of *evasionismo* proposed by Onésimo Silveira as a part of the *caboverdianidade*.

Keywords: *Evasionismo. Caboverdianidade. Analepsis. Ideological.*

Introdução

Nas duas seções que integram este trabalho, procurou-se manter uma unidade temática em torno da discussão do termo *evasão* (no que diz respeito ao *evasionismo* dos claridosos¹), partindo-se, nesse sentido, do que descortina Onésimo Silveira em seu texto *Conscientização na literatura caboverdiana* (1968). A discussão pautou-se nas noções de *saída* e de *fuga*, sendo a última uma das principais problemáticas do romance, uma vez que abre diferentes vieses interpretativos quanto ao que motivou Chiquinho, o protagonista, a emigrar. Pretende-se, portanto, resgatar os aspectos ideológicos do romance *Chiquinho* (1947), de Baltasar Lopes, à luz do termo *evasionismo* – expressão cunhada pelos claridosos – como um dos alicerces da obra em questão.

O romance *Chiquinho* teve sua primeira publicação em 1947, pelas edições da Revista Claridade e possuía como subtítulo – *romance caboverdiano* –, rementendo à noção de que a obra de Baltasar Lopes seria genuinamente caboverdiana. Por essa razão, admite-se, ao se considerar o contexto histórico em que o romance de Baltasar Lopes esteve inserido, a concepção de *evasionismo* como um dos

¹ Esta denominação alude às figuras dos colaboradores e dos fundadores da Revista Claridade, entre eles, Baltasar Lopes, Jorge Barbosa e Manuel Lopes, cuja proposta de expressão literária de intervenção social destacou-se pela abordagem dos elementos étnicos, comportamentais, sentimentais e espaciais na busca pela constituição essencial do homem caboverdiano.

componentes basilares da analepse que arquiteta a narração. Isso porque é o sentimento evasivista que permeia, pelo do narrador em primeira pessoa, o romance de aprendizagem de Baltasar Lopes, e possibilita diferentes orientações interpretativas relativamente à construção da caboverdianidade.

Dos problemas particulares de Chiquinho e das personagens que com ele conviveram, parte-se à conscientização mais ampla a respeito dos problemas comuns a todo o arquipélago. Essa tomada de consciência da personagem acontece em função da evasão recorrente no próprio arquipélago, na medida em que o protagonista sai de seu local de origem – o Caleijão – em direção a São Vicente, para iniciar os estudos liceais. Observa-se, assim, o início, factualmente, da concretização das formações intelectual e pessoal da personagem, que passa progressivamente a enxergar a realidade caboverdiana com olhos de profundas reflexões quanto ao destino de Cabo Verde. Nessa medida, este trabalho pretende desmitificar e, ao mesmo tempo, versar sobre uma visão outra acerca da evasão de que o Onésimo da Silveira se refere. Busca-se, pois, com esta crítica conceitual, a defesa de um argumento baseado na apreciação intratextual, propondo-se a construção de uma concepção evasivista com esteio no texto, considerado como fenômeno ideológico e como estrutura semiótica, que reflete e refrata uma realidade que lhe é exterior (BAKHTIN, 2014).

1 O Evasionismo como Componente Basilar de Chiquinho

1.1 Acerca da evasão e do *evasionismo*: descortinando termos

De acordo com Almada (2011), o *evasionismo* dos claridosos era calcado em uma atitude resignativa e escapista ante as impreteríveis carências do povo caboverdiano. Expressão que remete à emigração dos habitantes do arquipélago, o *evasionismo* está intrinsecamente

ligado à palavra evasão, que dela é derivada; esta última é formada, segundo Onésimo Silveira, em síntese, por uma dualidade marcadamente caboverdiana, que realça um estereótipo de quem habita o arquipélago: fuga e saída. A partir disso, o autor de *Conscientização na literatura caboverdiana* problematiza a denúncia das mazelas que levavam à emigração do ilhéu, nota predominante na literatura do Movimento da *Claridade*. Segundo Onésimo, o drama da evasão acabaria por simplificar, arbitrariamente, o complexo problema da emigração (SILVEIRA, p.10), o que contraria, especificamente, uma leitura desenvolvida do romance *Chiquinho*, de Baltasar Lopes.

Com o *incipit* “Como quem ouve uma melodia triste, recorro a casinha em que nasci, no Caleijão” (LOPES, 2008, p. 13), o narrador introduz a analepse que estrutura o romance e, em face de um presente desconhecido ao interlocutor, infere-se que a narração acontecerá em uma realidade oposta àquela que acometeu ao narrador, em sua infância – isso em virtude do próprio adjetivo *triste*, que caracteriza a melodia na qual se tornara a infância, para o narrador. Logo após o *incipit*, aparece a primeira referência implícita à evasão, ao *evasionismo*:

(1) O destino fez-me conhecer casas bem maiores, casas onde parece que habita constantemente o tumulto, mas nenhuma eu trocava pela nossa morada coberta de telha francesa e emboçada de cal por fora, que meu avô construiu com o dinheiro ganho de riba da água do mar. (LOPES, 2007, p. 13)

A partir do exposto pelo narrador tem-se o início de um constructo essencialmente ideológico: constata-se que o seu motivo para deixar o local onde nascera não fora suficiente para que nutrisse uma total aversão para com suas origens e para com o que delas retirara como aprendizado de vida. No parágrafo seguinte, o narrador faz referências com relação ao pai, em razão de ele se ter fei-

to presente por meio das cartas que lhe enviava, ou, mesmo, pelos dólares dele recebidos. Nas entrelinhas, infere-se, mais uma vez, a presença da evasão, constituinte da memória do narrador sobre sua infância – e de sua própria condição de emigrante, no tempo presente, desconhecida pelo interlocutor.

1.2 De “Infância” à “As-águas”, a presença da migração na concepção de *evasionismo*.

Chiquinho é um romance que assume a condição de *iniciação* – ou de *aprendizagem* – logo na primeira página. *Iniciação* por tratar-se do início da vida adulta de um jovem, e, igualmente, *aprendizagem*, por apresentar a tomada de consciência que ocorre na personagem principal, ao passo que o narrador reconta os acontecimentos que o fizeram lapidar percepções sobre a realidade de Cabo Verde. Na primeira parte do romance, há uma forte presença da imagem do pai, que fora às Américas em busca de melhores condições de vida para aqueles que deixara em África; e é, também, em “Infância”, que Chiquinho, a partir dos conhecimentos adquiridos na escola, dá o passo inicial para uma espécie de evasão da condição e da consciência infantis – embora não descarte a importância que elas representam para seu processo de iniciação à vida adulta.

(1) Passei cinco anos estudando no seminário as matérias do liceu. Estava com 5o ano. Latim, História, Geografia, Ciências naturais, tudo isto procurava iniciar-me nos segredos da vida que homens que eu não conhecia criavam fora das pontas e dos rifes da minha ilha. Fui descobrindo que o mundo não se limitava ao universo de nha Calita e a lenda misteriosa do velho Totone Menga-Menga. Mas continuava extraordinário o seu poder de atracção. (LOPES, 2007, p. 104)

No mesmo capítulo do excerto acima, o último de “Infância”, é realçada a vontade de Chiquinho em ultrapassar os limites de

sua ilha, de migrar – experiência que sentira, mesmo que por pouco tempo, ao visitar o tio em Praia Branca. Pondera-se, a partir do sentimento do narrador-personagem, o início de uma evasão rumo a São Vicente, onde “[...] a civilização do mundo passa em desfile.” (LOPES, Baltasar, 2007, p. 105). O *evasionismo*, constituinte basilar do romance, pode ser visto, assim, como uma saída em direção a uma prosperidade intelecto-pessoal, sem esquecer, evidentemente, de suas raízes, de sua identidade, longe da concepção escapista e resignada. Assim, o romance estabelece-se não tanto por sua essência semiótica, mas por sua ubiguidade social (BAKHTIN, 2014), na estreita ligação com as transformações sociais vividas e que interferem no destino das personagens, uma vez que

(2) [...] a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuítos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc.. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. [...] A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais. (BAKHTIN, 2014, p. 42)

Se, de um lado, admite-se que Chiquinho, ao sair de sua terra natal, em “As águas”, em busca de melhores condições de vida, meramente *saiu* de onde nasceu, por outro, nota-se uma possível fuga dos problemas de Cabo Verde e, especificamente, da freguesia rural do Caleijão. É, também, depois de perceber a evasão escolar do Liceu Gil Eanes, referido na última parte da obra – ao constatar que, gradativamente, os alunos da escola deixavam de frequentar as aulas em virtude dos problemas que assolavam a população local, e, principalmente, diante da morte de pessoas que circundavam o seu imaginário infantil em detrimento da fome – que Chiquinho resolve deixar Cabo Verde. Para tanto, questiona-se até que ponto a saída

do protagonista pode representar uma mera saída ou uma fuga aos problemas sociais, políticos e econômicos caboverdianos.

2 A Problemática Do Desfecho: Evasionismo Escapista?

2.1 O *evasionismo* e a construção identitária caboverdiana

A evocação da realidade associada à infância de um protagonista principal é uma influência clara da literatura brasileira dos anos 30, nomeadamente dos romances nordestinos de José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Jorge Amado. O regionalismo brasileiro está presente na veia étnico-cultural de Cabo Verde, especificamente na ilha de São Nicolau, no Caleijão, lugar de origem do protagonista. Embora Silveira (1968, p.19) destaque que Cabo Verde “[...] estava em pleno processo de europeização literária”, assume-se, pelo contrário, a condição do romance de Baltasar Lopes enquanto proposta literária com nítidas nuances nacionalistas. Assim, põe-se em causa até que ponto o romance defende uma identidade caboverdiana, uma vez que a evasão dos personagens pode promover uma imagem deturpada do homem caboverdiano. Ao optar por partir de Cabo Verde, Chiquinho teria, de fato, abandonado a sua realidade em busca de uma nova identidade ou de uma nova realidade que o abarcasse?

O protagonista de Baltasar Lopes é um homem caboverdiano, sem futuro e sem destino; faz-se conforme uma geração que não teve a chance de conhecer a vitória, mas que caminhou para o nascimento de uma nova nação. (MASSA, Jean-Michel, 1983). Uma das passagens mais significativas da obra e que, aparentemente, pode passar despercebida, encontra-se no capítulo 19, quando Francisco manda uma carta a seu amigo Andrezinho. Em resposta à carta do protagonista, a passagem “Vai tu, se queres. Eu fico. Tenho cá muito que fazer” (LOPES, Baltasar. 2008, p. 262) pode, em uma primeira

instância, dar a entender que Francisco abandona a causa caboverdiana. Entretanto, Chiquinho fica responsável por informar-lhe as reais condições dos emigrados caboverdianos em terras americanas. O comprometimento com Cabo Verde, desse modo, continua presente mesmo após a evasão.

O fato de a narração estar em primeira pessoa, mesmo que se extrapole o distanciamento natural para com a história que conta – isso por se constituir uma analepse –, concede uma peculiaridade ao romance: *Chiquinho* torna-se um relato, mesmo que fictício, de um emigrado que não esqueceu suas raízes e que as reconta através de sua infância (insere-se, aqui, particularmente, a educação familiar e as histórias contadas pelos mais velhos), de sua adolescência e da iniciação à vida adulta, as três partes que compõem o livro. Isso para enaltecer o ser caboverdiano, quiçá o ser africano, ao descrever a contadora de *estórias* Rosa Calita, o profeta popular – ou curandeiro – Totone Menga-Menga, e, mesmo, ao velho Chic’Ana, amigo da família, comumente descrito por fumar um cachimbo.

A partida de Chiquinho é, por fim, uma tomada de consciência da caboverdianidade, elemento basilar do romance de Baltasar Lopes. A analepse do romance é produto do *evasionismo*, já que o narrador dá início à rememoração devido à posição em que se encontra, posição esta que o interlocutor vem a saber, definitivamente, ao fim do romance, mesmo que em determinadas passagens a evasão do protagonista possa ser inferida.

2.2 O desfecho e a noção interpretativa

No penúltimo capítulo do romance, o narrador afirma que “O mar também era o meu caminho” (LOPES, Baltasar. 2007, p. 261); com isso, delineia duas possíveis interpretações para o título da ter-

ceira parte do romance, “As-águas”, que remete, por um lado, à viagem através do Oceano Atlântico rumo às Américas e, por outro, à seca que predominara na região onde vivia. Provavelmente, o ponto fulcral para a decisão de Chiquinho, além das demais mazelas que presenciou, fora a morte de nhô Chic’Ana, personagem que constituíra seu imaginário infantil e, para tanto, sua memória sobre a infância.

Admite-se, neste artigo, uma consideração diametralmente oposta à de Onésimo Silveira, visto que a evasão de Chiquinho – em um Romance que se constitui como obra-prima caboverdiana, produto da diretriz evasionista do grupo dos claridosos – é evidenciada não como uma fuga aos problemas da ilha, mas, sim, como a continuidade de um processo marcadamente socio-histórico. Chiquinho retomou o caminho de seu avô, rumo aos mares e, principalmente, o de seu pai. É, justamente, por conta desse desfecho que Onésimo Silveira delineou uma argumentação acerca do evasionismo, tratando-o como uma negação, por parte do romance Chiquinho e, evidentemente, dos claridosos, à caboverdianidade – o que, em razão dos aspectos aqui contemplados, é um equívoco teórico e ideológico.

Sob o argumento de que a ocidentalização dava-se por um viés recoberto de frustrações dos próprios claridosos, Onésimo Silveira condenou a *Claridade*. Não obstante, o romance *Chiquinho* apresenta, em uma leitura restrita ao negativismo que recobre o *evasionismo*, a frustração que o protagonista do romance, aparentemente, sofre, tendo em vista a morte das pessoas que fizeram parte de sua trajetória, bem como a desolação para com a fome e a escassez de água. No entanto, observa-se, nos capítulos finais, uma tendência do narrador em elucidar que não fora tão somente pelas mazelas sociais que resolvera partir, mas por conta da América aparecer-lhe “transfigurada de esperanças” (LOPES, Baltasar, 2007, p. 265).

Em vista disso, o sentimento de evasão surge a partir de uma desolação que não nega a identidade autenticamente caboverdiana, uma vez que o narrador, nas três principais quebras textuais, intersecciona a memória. É, especialmente, ela o elemento singular para compreensão da evasão como peça-chave de um sentimento que foge a quaisquer atitudes resignativas. A partir da memória de Chiquinho, o “ser caboverdiano” emana da narrativa, lapidando a compreensão da identidade dos habitantes do arquipélago, cuja situação socio-econômica era a causa de sentimentos evasionistas; os mesmos que, nas palavras de Onésimo, ganharam uma interpretação pautada na aversão, embora constituíssem uma amálgama da necessidade de partir e do sentimento de estar preso ao território por meio das lembranças.

Onésimo Silveira considerou que o sentimento evasionista acarreta uma construção estereotipada do homem caboverdiano, isto é, acaba por desconstruir a identidade autenticamente caboverdiana. Esquece-se, no entanto, de que *Chiquinho*, apesar de apresentar um protagonista nutrido pelo sentimento evasionista – presentificado desde a sua infância, pelas imagens do avô, ou do pai, que viajara às Américas -, a fins do subcapítulo dezenove – o penúltimo do romance –, em “As-águas” explicita-se a conformidade com metadiscursividade presente no romance, em uma atitude autorreflexiva, o que altera a noção possivelmente desestruturadora da identidade caboverdiana:

(3) Ia retomar o caminho de vovô. Eu era novamente Chiquinho, o Chiquinho de Mamãe-Velha e de nha Rosa Calita. Companheiro de Tói Mulato nas viagens desvairadas que a lua e as estrelas nos convidavam para esses mundos além.
(LOPES, 2007, p. 266-267)

Não fora o egoísmo que motivara Chiquinho a deixar sua ilha, mas o pensar em todos aqueles que, coletivamente, constituíram a

sua aprendizagem individual, da infância à vida adulta – da infância ao *mar largo que se abria*. Como anteriormente dito, é a partir da morte de nhô Chic'Ana que o protagonista decide emigrar; isso, além das referências de (3), contribui para reforçar a ideia de que Chiquinho deixara a ilha sem que esquecesse do valor que suas raízes têm – e que tiveram – em sua formação. Portanto, ainda que houvesse o deslocamento com destino às Americas, o romance de Baltasar Lopes concretiza a importância da memória na constituição de uma identidade autenticamente caboverdiana não orientada pelas fronteiras territoriais ou pela estada em um ou em outro território; antes, a história de *Chiquinho*, dos aspectos culturais mais comuns às mazelas sociais, recria a perspectiva de um homem caboverdiano para, assim, dar forma a uma identidade autêntica e livre de patriotismos.

Conclusão

A partir da apreciação inicial da obra, marcada pelo diálogo entre as estruturas sociais epocais e as ideologias predominantes, bem como da reflexão em torno dos acontecimentos que permeiam o romance, em função das concepções claridasas da época, procurou-se estabelecer até que ponto se pode, ou, melhor, se é, realmente, plausível que se admita o *evasionismo* dos claridosos como escapista e resignativo. Para o cumprimento deste objetivo, considerou-se o *evasionismo*, que é descortinado a partir da leitura do romance de Baltasar Lopes, utilizando-se, para tal, acontecimentos que integram o próprio romance, isto é, considerou-se o enredo como argumento maior para a desproblematização do termo.

Concernente, ainda, à interpretação do termo, atenta-se para o fato de que o texto de Onésimo Silveira, aqui descortinado, constrói e, ao mesmo tempo, desconstrói uma noção evasivista cujos argumentos são questionáveis. O autor faz uma análise genérica do gru-

po da *Claridade*, resgatando nomes que a compuseram, mas acabando por se omitir de um discurso pautado em argumentos empíricos, em análises consistentes de textos produzidos pelos claridosos.

Ao atentar para a denúncia do problema da emigração feita por Baltasar Lopes, Onésimo Silveira assume ser *Chiquinho* o romance que mais manteve, entre os escritos pelos demais claridosos, a coerência sobre o assunto. Contudo, de tal forma diminuta, o autor do artigo formula um discurso generalista sobre o movimento da *Claridade* e acaba por desconsiderar o romance de Baltasar Lopes para além de uma tênue referência ao comprometimento para com a questão emigratória. Esquece-se, assim, ao impor uma leitura reducionista, das demais componentes que moldam o conceito de evasão em *Chiquinho*.

No que respeita à organização do universo diegético, o romance retomou, em suas três partes, traços distintivos característicos de sua essência caboverdiana, o que rompe, indubitavelmente, com a interpretação de *evasionismo* dada por Onésimo Silveira. A analepse que se constitui a narrativa justifica o sentimento nacionalista da personagem e, igualmente, descontrói com a dualidade fuga e saída, uma das vertentes interpretativas de *Chiquinho*. Tendo em vista uma análise consistente da obra de Baltasar Lopes, afirma-se, com exactidão, a ausência do teor negativista que poderia alicerçar a noção de *evasionismo*.

Referências

ALMADA, José Luís H. "Que caminhos para a poesia caboverdiana? Antigos e recentes debates e controvérsias sobre a identidade literária caboverdiana". In *Navegações*. Porto Alegre: EDIPUCRS, v.4, n. 1, 2011, p. 92-106.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.

_____. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: wmf Martins Fontes, 2011.

FERREIRA, Manuel. "Prefácio a *Chiquinho*". *Chiquinho*. Lisboa: Prelo, 1970.

LARANJEIRA, Pires. *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

LOPES, Baltasar. *Chiquinho*. Lisboa: Biblioteca Editores Independentes, 2007.

MASSA, Jean-Michel. "*Chiquinho*: un «bildungsroman» exemplaire". *Arquivos do Centro Cultural Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983. p. 787-799. v. 11.

SILVEIRA, Onésimo. *Conscientização na Literatura Caboverdiana*. Lisboa: Edição da Casa dos Estudantes do Império, 1968.